

Rocca di Papa, 18 de fevereiro de 2004

Entrevista a Chiara de Pe.Luca Pellegrini do C.T.V. (Centro Televisivo Vaticano - algumas respostas)

Jornalista: O Papa descreve as focolarinas e os focolarinos como os apóstolos do diálogo: diálogo entre os cristãos e as Igrejas cristãs, diálogo com as outras religiões, diálogo com quem não acredita em Cristo ou talvez em nada, e não esqueçamos também o diálogo dentro da Igreja porque também este é necessário. Chiara, como é possível dialogar no mundo de hoje?

Chiara: Vou procurar explicar como nós fazemos, como conseguimos estabelecer o diálogo e como vivemos no mundo inteiro, porque estamos difundidos no mundo inteiro. Aprendemos a viver o Evangelho e entendemos que o coração do Evangelho é o amor evangélico. Este amor é especial, não é como aquele do mundo, mas é um amor que nos leva a amar a todos, a tomar a iniciativa amando por primeiro; nos faz amar de modo concreto e não apenas sentimentalmente. Os focolarinos, nos vários lugares do mundo, têm contato com budistas, com muçulmanos, com hindus, em lugares onde também eu estive tempos atrás. Amamos a todos como irmãos, como se fossem todos irmãos e as pessoas sentem que existe algo novo neste relacionamento.

Desejam saber o que nos impulsiona a agir assim e, por exemplo, neste tipo de diálogo, que seria o nosso terceiro diálogo, o diálogo com as outras religiões, nós lhes dizemos que aprendemos a amar, a amar todos os próximos. Recordamos a todos que também na doutrina deles está escrito: "Não faça aos outros o que você não gostaria que os outros lhe fizessem." Esta frase está escrita nos principais livros sagrados. E eles respondem: "Sim, existe". Somos nós que às vezes o fazemos notar. E respondem: "Sim, existe". Dizemos que também eles são chamados a amar e concordam conosco.

Nós os convidamos a viver o amor recíproco para nos tornarmos amigos, vivendo assim entre nós a fraternidade universal. Começa então esta amizade e, aos poucos (...) sendo um diálogo respeitoso, sem a ideia de conquistá-los e nem mesmo de convertê-los, mas somente para amá-los, expomos a nossa fé. E acontece que alguns se convertem, naturalmente, outros permanecem em comunhão conosco. Nós temos porções de humanidade, por exemplo na Índia, na Tailândia, no Japão, na América do Norte, onde realmente a fraternidade vence... a ponto de dizermos: "Se fosse assim no mundo inteiro, a paz estaria garantida".

Jornalista: Digamos que a senhora percebeu a necessidade de fundar um Movimento em 1943, num período muito difícil e terrível para a humanidade; foram descobertas depois todas as tragédias que aconteceram naqueles anos. Existia uma relação entre aquilo que vivia naquele momento e a necessidade também profética de começar um caminho que levasse o homem a considerar o seu semelhante como um irmão?

Chiara: Imagino que existia no Céu, mas nós não éramos conscientes, éramos algumas jovens e víamos tudo desmoronar sob as bombas. Eu, por exemplo, queria continuar a frequentar a universidade em Veneza, mas a guerra me impediu... o meu ideal era a filosofia. Outra minha companheira, que tinha uma casa bonita, queria decorá-la bem, mas a casa foi destruída, não existia mais (...); outra queria se casar mas o noivo não voltou mais da guerra.

Éramos muito jovens e fazíamos entre nós as seguintes considerações: "Por que todos os nossos ideais desmoronam? Existirá um ideal que não passa?" E senti forte, no fundo do coração, pelo carisma que Deus nos deu, que este Ideal existia, era Deus. Creio que há uma ligação entre o nosso Movimento e as circunstâncias externas, porque eram situações de ódio - a guerra é fruto do ódio - enquanto

que, através do Movimento, Deus nos fez descobrir o amor, o amor que existe em Deus. Dizíamos: se Deus é amor devemos fazer a nossa parte para retribuir esse amor. E como podemos amá-lo? A guerra era terrível e corríamos para os abrigos antiaéreos pelo menos 11 vezes por dia. Não podíamos levar nada conosco, a não ser um pequeno Evangelho e ali encontrávamos o modo para amar a Deus. E começamos a viver palavra por palavra do Evangelho. "Ama o próximo como a ti mesmo"; "Dai e vos será dado." "Tudo o que fizerdes ao menor dos meus".

E vivíamos uma frase em profundidade durante três dias e (...) a revolução evangélica produzia efeito, por que quem vive assim? Quem ama o próximo? Quem acredita e obtém...? As pessoas, em plena guerra, nos viam sempre contentes e perguntavam o que estava acontecendo, o que tínhamos de diferente. E nós contávamos a nossa aventura, aliás, Deus mesmo respondia todas as coisas, não sei se nós pedíamos (...) mas as coisas chegavam em plena guerra... Lembro-me que tínhamos o corredor da casa cheio de sacos de farinha, de marmelada, de leite em pó que levávamos a todos os pobres porque tínhamos aprendido a amar os pobres. As promessas de Jesus se realizavam. "Dai e vos será dado". Batia um pobre à nossa porta, na primeira casa onde estávamos, e pedia alguma coisa. Às vezes tínhamos uma maçã. Dávamos essa maçã e chegava durante o dia um saquinho de maçãs.

Dávamos novamente e durante a noite chegava uma mala cheia de maçãs. As promessas de Jesus no Evangelho se concretizavam. Nós contávamos essas coisas às pessoas e depois de dois meses éramos 500. Tinham também alguns religiosos, religiosas, mas sobretudo leigos, porque somos muitos leigos: famílias completas, pai, mãe, filhos... todas essas 500 pessoas viviam esta revolução evangélica que depois se transformou neste Movimento, que deseja expandir no mundo essa revolução.

Jornalista: Chiara, neste tempo em que vivemos, com as suas preocupações, com tantas realidades trágicas, a violência - digo uma palavra pesada - com a libertinagem que existe, qual é hoje, segundo a senhora, a promessa mais atual de Jesus para nós?

Chiara: O seu testamento; quando ele rezou: "Pai, que todos sejam uma coisa só". Além de tantas coisas existe também o terrorismo, que é terrível e causa tantos males. Uma das causas do terrorismo é o desnível entre ricos e pobres, entre países ricos e pobres. E isso seria algo a ser resolvido, mas se resolverá... Os bens não caminham por si só; é preciso mudar os corações, colocando dentro deles o amor ao próximo, o amor recíproco. Viver a unidade que Jesus deseja, ter a sua presença no nosso meio como fruto da unidade e, desse modo, também os bens circulam.

E seria possível sanar esta que é uma das principais causas do terrorismo, e também todo o resto. O senhor se referia às coisas imorais... No Evangelho estão todas as bem aventuranças: "Bem aventurados os pobres...", tudo está contido no Evangelho. No Evangelho nós também descobrimos a fé no Papa, nos bispos, na Igreja. Sabíamos isso quando ainda éramos pequenas mas, através do carisma, tivemos uma nova compreensão dessas realidades.

Jornalista: O que mais a preocupa atualmente?

Chiara: Nada. Certamente vejo todo o mal que existe e que também é nada, porque sei onde encontrar a solução, como ir contra todos esses males, junto com todos os que me acompanham...
(...)

Jornalista: Qual é o dom mais belo que Jesus lhe deu vida?

Chiara: A Eucaristia, porque ele mesmo está conosco, permaneceu conosco em todos os pontos da terra. Ele estava presente somente em um ponto da terra, na Palestina, e pensou que partindo seria melhor permanecer entre todos e permaneceu em toda a terra.

(...)